

## PREFÁCIO

A fixação de comunidades mercantis italianas em Portugal confunde-se com os primórdios do desenvolvimento do comércio externo do reino português, ao longo do século XIII. O papel importante desempenhado por Lisboa, no apoio às rotas mercantis que uniam o Mediterrâneo ao Atlântico Norte, atraiu desde cedo as grandes casas comerciais italianas para a cidade do Tejo e a monarquia começou a conceder direitos especiais aos representantes desses grandes negócios, logo no reinado de D. Afonso III.

Península dividida pela ambição de repúblicas e de monarquias, e sujeita à luta secular entre o Papado e o Império, fazia-se representar no mercado lisboeta por indivíduos de origens muito diversificadas. No início do século XIV, aos mercadores juntou-se um novo grupo, quando el-rei D. Dinis decidiu reorganizar a sua armada e fez do genovês Manuel Pessanha o novo almirante de Portugal. Embora a Senhoria de Veneza também mantivesse relações com a coroa lusitana, foram as repúblicas da costa ocidental que mais se relacionaram com a coroa lusitana.

O arranque da Expansão Portuguesa foi visto com particular interesse pelos Italianos, e muito especialmente pelos genoveses; aliás, continua por explicar cabalmente o episódio em que uma esquadra genovesa atacou a armada portuguesa que ia a África, em 1440, para negociar a devolução de Ceuta aos mouros a fim de resgatar o infante D. Fernando que ficara por refém em 1437, após o desastrado ataque a Tânger. Como é próprio do cinismo da diplomacia, os genoveses mostraram, assim, ao regente D. Pedro que queriam continuar a usufruir das vantagens do apoio de Ceuta à sua navegação e o infante santo foi sacrificado aos grandes interesses do trato mediterrânico.

Quando os Descobrimentos começaram a ser bem sucedidos logo o infante D. Henrique os fez propagandear em Itália e acabou mesmo por atrair mercadores italianos para os mares da Guiné. Apesar do veneziano Cadamosto ter sido um dos primeiros a visitar a terra dos negros, uma vez mais foram genoveses e florentinos os que mais se ligaram à coroa portuguesa durante a aventura ultramarina, e o povoamento da ilha de Santiago,

no arquipélago de Cabo Verde foi chefiado pelo genovês António da Noli. À Senhoria, Portugal enviou várias esquadras de socorro na luta contra os Turcos, mas o avanço das caravelas fazia crescer a ameaça de poderem romper o monopólio secular veneziano da revenda das especiarias asiáticas na Cristandade. Quando o Gama voltou da sua viagem pioneira, genoveses e florentinos rejubilaram enquanto Veneza se afligia, e a guerra levada a cabo pelos Portugueses contra os mouros no oceano Índico, nos primeiros anos do século XVI, foi também mais um episódio da luta secular travada entre Génova e Veneza.

Na viragem da centúria de Quatrocentos para a de Quinhentos, preponderou em Lisboa Bartolomeu Marchioni, empresário de grandes cabedais que arrendou tratos ultramarinos e financiou navios da Carreira da Índia. Na mesma época, muitos outros nomes italianos se foram tornando habituais na documentação portuguesa como os Perestrela, os Afaitadi os Lomellini ou os Sernigi; a maioria destas famílias cruzou-se com a fidalguia do reino e acabaram por se integrar completamente na sociedade portuguesa, ao ponto dos netos dos mercadores dos alvares quinhentistas virem a ter nobreza suficiente para ocupar posições de destaque na estrutura militar do Império Português. Outros vieram que se mantiveram apartados, mas o facto mais notável é o de as divisões que dilaceravam a península transalpina se diluírem consideravelmente pelas ruas de Lisboa. Não sei exactamente qual era o relacionamento pessoal entre os membros das diferentes famílias aqui instaladas, mas é certo que todos se sentiam italianos, independentemente das suas cidades de origem, e que estavam todos agrupados numa comunidade que se intitulava da “nação italiana”.

Para lá dos mercadores, passaram mais tarde por Portugal dezenas de jesuítas vindos de Itália, que se tornariam em personagens de nomeada da história missionária portuguesa. Embora o seu papel tenha sido muitas vezes exagerado, sobretudo na comparação com os seus companheiros portugueses, é indiscutível que homens como Alessandro Valignano, Matteo Ricci, Roberto de Nobili ou Organtino Gnecci-Soldo foram agentes dos interesses da coroa lusa e que contribuíram para uma propagação das áreas de influência portuguesa no mundo.

A História das relações luso-italianas teve também como outro palco a própria Itália, desde cedo visitada por clérigos e peregrinos, incluindo pregadores ilustres como Santo António, ou mestres prestigiados como Pedro Hispano, o papa João XXI. Os navios de comércio português que sulcavam o Mediterrâneo aumentavam essa relação, que se intensificou, de facto, com a navegação ultramarina, a começar com o crescimento das exportações do açúcar da Madeira para os portos mediterrânicos.

Diversificada nos seus protagonistas, no tempo e nos espaços, esta relação luso-italiana distingue-se pela sua perenidade e fecundidade. O aprofundamento dos conhecimentos sobre este tema é, pois, do maior interesse, e

este livro vem dar um novo contributo para a compreensão desta relação secular. Os estudos agora publicados mostram-nos indivíduos ou grupos pouco conhecidos que ganham uma nova visibilidade e que tornam mais rico e complexo o nosso olhar sobre a história comum de portugueses e italianos.

\*  
\*   \*

Desejo ainda agradecer a todos os colaboradores os seus contributos para este volume bem como às instituições que colaboraram e apoiaram esta iniciativa, mas a última palavra de agradecimento é endereçada à Doutora Nunziatella Alessandrini, historiadora que nos brindou com uma excelente tese de doutoramento sobre este tema, que aguarda ainda a publicação, e que se empenhou denodadamente na realização deste livro. A sua abnegação valoriza o CHAM como entidade editora, e espero que a Doutora Alessandrini venha a receber o merecido retorno pelo seu trabalho.

Lisboa, 20 de Outubro de 2012

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA  
Director do CHAM